

MUTILETRAMENTOS E O ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Helenice Joviano ROQUE-FARIA²⁶
Márcia Regina BONI²⁷

RESUMO

Em um mundo globalizado, a educação brasileira busca e se pauta na produção do conhecimento, uma vez que o número de informações e seu acesso tornou-se mais rápido HALL (2005); BAUMAN (1999), exigindo o redimensionamento do ensino/aprendizagem. Observa-se, ao mesmo tempo que a quantidade e a facilidade de informações possibilitam analisar, formar opiniões e produzir conhecimentos, paradoxalmente restringe ao fazer estruturado, alertado em ROJO (2012). Neste contexto, espera-se que a escola articule estratégias que forme o indivíduo, sensibilizando-o à importância de ações cidadãs, das possíveis leituras de mundo voltadas às práticas sociais. Assim, este trabalho objetiva apresentar como os multiletramentos desenvolvidos nas diversas áreas do conhecimento de uma escola pública, localizada ao norte de Mato Grosso e que atende à modalidade jovens e adultos esforça-se pelo ensino interdisciplinar no sentido de promover a autonomia e o protagonismo do aluno, a partir de suas vivências de aprendizagem. Frente à realidade do público que conta com sujeitos que foram afastados do espaço escolar por diversos fatores como a idade, “distanciados” dos padrões de aprendizagem vigentes, e por apresentarem dificuldades com a leitura, a interpretação e a escrita, surgiu a ideia de agregar as três áreas de conhecimento, quais sejam: Linguagens Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Ciências Naturais e suas Tecnologias e dar voz ao participante da aprendizagem a partir dos conteúdos trabalhados e fomentar a reflexão sobre o contexto situado, encaminhando o aluno a expressar-se e a posicionar-se conforme ensejado em FREIRE(2011). Assim, as questões centrais são: Como os alunos da Educação de Jovens e Adultos lidam com os conteúdos programáticos desenvolvidos em contexto de sala de aula? De que forma os discentes estabelecem conexões entre os conteúdos desenvolvidos e as situações reais de história de vida? Filiados à Linguística Aplicada e numa perspectiva de cunho interpretativo etnográfico, conforme BAUER e GASKELL(2002), explorou-se os

26 Aluna do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB, Mestrem Linguística pelo PPGL da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, professora da Educação Básica (CEJA Benedito Sant’ana da Silva Freire) e docente da UNEMAT (Campus de Sinop/MT). Membro do Grupo de Pesquisa GEPLIA (UNEMAT/CNPQ) e Núcleo de Estudos Críticos Aplicados em Linguagem (NECAL-UnB).

SQS 314, Bloco K, Cep: 70383.110 - Brasília - Distrito Federal. helenicefariaj@gmail.com

Registra-se o apoio da FAP/DF - Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal.

27 Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, Professora da Educação Básica (CEJA Benedito Sant’ana da Silva Freire), Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (Campus de Sinop/MT).

Bonins.marcia@gmail.com

diversos gêneros textuais em sala de aula, e selecionou para um exercício analítico alguns recortes dos textos produzidos na expectativa de responder às questões propostas e verificar se as provocações feitas no espaço escolar corroboram com o pensar, com a criatividade e desperta às possíveis leituras de mundo, a ponto de instigar o aluno à reescrita de suas reais histórias de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Multiletramentos; EJA; Ensino; Língua Portuguesa.

A Educação Brasileira

É curioso como o debate sobre as práticas sociais de leitura e escrita no Brasil, bem como a participação e formação social, as competências, as habilidades e as capacidades leitoras e escritoras dos alunos/as, exercidas em diferentes contextos de vida, evidenciam-se na atualidade.

As áreas que mais privilegiam e que desenvolvem acentuado número de literatura especializada “apostam” na emergente necessidade de (re) pensar as práxis desenvolvidas em sala de aula, espaço onde os holofotes governamentais tomam atenção e buscam medir os resultados dos desempenhos educacionais.

Definimos práxis com Konder (2003:1) e entendemos como as ações que o aluno utiliza, e que, de algum modo, intervém no mundo transformando-o e, conseqüentemente, a si mesmo, em práticas sociais que exigem responsabilidade e ética.

Assim, a educação brasileira tem se tornado pauta das agendas de políticas públicas, particularmente, a partir da última década de 1990, quando ampliou a facilidade e acesso aos bens culturais e educacionais, concomitantemente, a “polêmica” sobre a alfabetização e o letramento.

Estudos de pesquisadores como Kato (1986); Tfouni (1998); Kleiman (1995); Soares (2010) e exaustivamente ampliado em Rojo (2009;2013;2015) mostram que o assunto é de extrema relevância e denunciam, há décadas, a fulgente necessidade educacional espraiada nos resultados dos instrumentos avaliadores, que medem desde a etapa inicial - Ensino Fundamental – à mais avançada, Ensino Médio, quando se espera que o/a estudante esteja apto ao ingresso à Universidade.

E embora tanto esforço, visualizado e ratificado nos documentos que regem a educação brasileira, e o vislumbrar da educação como “porta de acesso e ascensão

social,”as práticas de ensino/aprendizagem mostram-se distanciadas das mudanças do mundo globalizado.

Restringimo-nos aqui aos currículos dispostos às escolas e que muitas vezes, não atentam ao espaço multicultural, sequer para a singularidade do processo de escolarização e do desenvolvimento das realidades leitoras e escritoras que o/a aluno/a possui.

Se se parte do pressuposto de que esses fenômenos frequentemente aludem a resultados alarmantes, o discurso da “Pátria Educadora” fica a desejar, tendo em vista a premente necessidade de problematizar as práticas sociais de linguagem contemporânea, emergidas do/no espaço escolar.

Não obstante, os modelos idealizados de atividades de ensino seguem “padrões” que desconsideram a realidade linguística e o contexto em que o/a aprendente está inserido, o que dificulta sua inserção no mundo social.

Estes e muitos outros fatores têm se tornado campo fecundo e de interesse a muitos pesquisadores na área da Educação e das Ciências da Linguagem, na tentativa de responder às inquietações e rupturas que se mostram nas demandadas agendas sociais, especialmente quando envolve o processo de leitura e de escrita, na vida contemporânea.

Assim, as práticas de linguagem visualizam as multisseioses, a heterogeneidade dos participantes e serve de “laboratório” a promover a leitura crítica e a formação cidadã.

Nesta perspectiva, é conveniente observar o conceito de multiletramentos desenvolvido em Rojo (2012:13), que sinaliza para a valorização do “cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais se informa e se comunica,” e alinhado ao campo multidisciplinar, pode ancorar as reflexões que aqui nos cabem.

Para o lócus pesquisado, Educação de Jovens e Adultos-doravante EJA, um dos sentidos de aquisição do conhecimento escolarizado equivale-se, para muitos, à recuperação de um tempo que se perdeu, uma vez que esses participantes estiveram por um longo período distantes do espaço escolar.

A história da EJA e seus enfrentamentos visualiza a tensão entre a fragmentação do conhecimento e a organização do currículo que, se não adaptado à realidade, interfere significativamente no processo formativo. Oliveira (2009) salienta o

distanciamento dialógico entre os conteúdos a serem aplicados e os saberes experienciais dos participantes. Comenta a pesquisadora que

[...] mesm mediante de estudos e questionamentos, as propostas curriculares destinadas à EJA são organizadas do mesmo jeito que aquelas destinadas às crianças, fundamentada em modelos idealizados da atividade pedagógica e dos processos de aprendizagem dos que a elas são submetidos. Do mesmo modo, são idealizados os objetivos da escolarização que considera experiências, interesses e modos de estar no mundo de jovens e adultos que buscam a EJA. [...] contrariamente a esse tipo de entendimento [...] **seria necessário desenvolver novos modos de compreensão revertendo-se a tendência dominante de entendimento do currículo.** [...] O reconhecimento das múltiplas alternativas curriculares e efetivas construídas cotidianamente pelos sujeitos das práticas pedagógicas, e já em curso em muitas escolas/classes do Brasil inteiro é um passo fundamental, uma prática curricular consistente somente pode ser encontrada no saber dos sujeitos praticantes do currículo. (OLIVEIRA, 2009:103 grifos nossos).

Ao olharmos os documentos oficiais do estado de Mato Grosso, Orientações Curriculares, tem-se a formação cidadã e as questões que envolvem o fazer pedagógico como prioridade e a assertiva de educação que visa integrar o mundo do trabalho ao mundo do conhecimento em abordagem interdisciplinar/transdisciplinar “como estratégia mais compatível com a satisfação das necessidades da instituição escolar” (OCs, 2012:67)

É certo que as propostas governamentais se pautam pela criticidade e visam à formação de cidadãos reflexivos, todavia, as pesquisas e os debates apontam preocupação no que tange aos cursos de formação e às reais práticas de ensino.

Este lugar conflituoso, heterogêneo, palco de encontros e desencontros explicitado em Roque-Faria (2014) desafia-nos à reflexão do saber, pois de um lado, observa-se o agente letrador (professor/a), que possui o saber adquirido ao longo de sua qualificação profissional e, por outro, o letrando (aluno/a) que ocupa a posição de um participante em busca da continuidade e atualização dos conhecimentos, para o dia a dia profissional.

Nesta seara, a Linguística Aplicada é o aporte teórico que ancorará a tentativa de resposta aos questionamentos levantados, uma vez que a disciplina possibilita

inúmeras condições e múltiplos interesses no campo aplicado da linguagem. Assim, as práticas e as possíveis transformações serão apontadas como caminho que se toma para (re) visitar e (re) pensar, a partir de alguns recortes de produções textuais produzidas a partir de uma proposta interdisciplinar, instrumento utilizado para o exercício de análise.

Consideramos, a priori, que todo aluno/a tem o domínio da linguagem e cada um com singular necessidade, mas a intervenção/mediação do professor/a pode levar o discente a desenvolver as habilidades leitoras/escritoras e experienciar o mundo multiletrado, conforme preconiza Rojo (2012), ampliando sua visão do local, das diversas culturas que o cercam e principalmente o desenvolvimento de sua competência crítica. Concomitantemente, o deslocamento do professor de seu “confortável espaço disciplinar” para “a grande área”, onde os conhecimentos se entrecruzam e dialogam, o envolverá para além do individual, da via única (professor-aluno) mas, do coletivo (e colaborativo), proposição que desafia o letrador/a e o letrando/a a repensar, a retextualizar e a agir frente à diversidade textual a que somos submetidos.

Direito à Cidadania e a EJA

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 205, afirma que “a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Em consonância, a assertiva da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (LDB) em seu artigo 22 determina que “a educação tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. A CF/88, a LDB/96 e as OCs do Estado de Mato Grosso, Diversidades Educacionais (2012), registram a educação como garantia dos Direitos Humanos para *além da aprendizagem cognitiva, considerando o aspecto social e emocional do desenvolvimento humano*. Portanto, meio indispensável para a formação e fortalecimento da cidadania.

Certamente, a materialidade linguística vislumbra a preocupação com aqueles que não tiveram a oportunidade de escolarização em idade apropriada e que vivenciam

o processo de globalização e o avanço econômico. Assim, oportuniza ao educando tornar-se protagonista, pois atua e recebe influências nos fatos de vida.

E, embora a EJA fora criada com o intuito de letrar o indivíduo para a mão-de-obra e permitir o direito legal ao voto, Costa (2009) alerta que a educação voltada para adultos fora da idade/série consistia “apenas a transmissão assistemática de alguns poucos conhecimentos da cultura letrada, digo leitura e escrita, para os analfabetos”. Salientamos que houve um avanço significativo desde que implantadas as políticas públicas e que começaram a perspectivar a inclusão. Neste caso, considera-se a realidade social do aluno numa tentativa de promovê-lo à aquisição de saberes, através de sua história de vida.

O pensador e educador Paulo Freire visualizou em seus trabalhos possíveis caminhos para a atuação política concreta, se considerarmos a realidade social e econômica, a diversidade cultural e o reconhecimento da identidade individual e coletiva do aluno. Para o autor, somente a partir desses pressupostos é possível a transformação da sociedade, a valorização da pertença dos determinados contextos sociais.

Nesse caso, a escola é o espaço de construção da cidadania que propicia ao aluno ir além do processo de conhecimento dos direitos e deveres e a apropriação das formas para estabelecer vínculos entre os diversos saberes e acontecimentos, tornando-o um ser crítico da sociedade e da cultura.

A consciência crítica supõe leituras do mundo real, revisões constantes e o aprofundar-se além das aparências, pois segundo Freire (1997:41) “Face ao novo não repele o velho por ser velho, nem o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos”.

Nesta direção, essa modalidade educativa torna-se significativa a partir da valorização e inclusão, e que seus participantes sejam reconhecidos como atores do processo de conhecimento.

A voz do migrante: reflexões sobre o agronegócio

Para nós, e como evidenciado, a integração das áreas de conhecimento abre diversos caminhos, além de entrecruzar saberes culminando em ações que fortalecem as

práticas de leitura e a escrita, dificuldade visível em sala de aula. Mas é lamentável o fato de que o exercício ainda se restringe às aulas de LP. Para Bortoni-Ricardo.

[...] a leitura é uma atividade interdisciplinar, uma vez que é por meio dela que se tem acesso aos conhecimentos de todas as áreas do saber. Sendo assim, para obter sucesso na aprendizagem de quaisquer conteúdos, necessário é desenvolver habilidades para ler os textos específicos a eles relacionados. Por isso, a leitura deve ser trabalhada por profissionais de todas as áreas, principalmente se considerarmos a necessidade de serem desenvolvidas estratégias específicas para a leitura de textos que abordam conteúdos específicos. (Bortoni-Ricardo, 2010:51-52).

Neste caminho, as estratégias e as atividades interdisciplinares desenvolvidas na EJA estão respaldadas na OCs e foram desenvolvidas em cinco turmas do Ensino Médio, sendo duas do período matutino e três do período noturno, e contou com a colaboração de três professores, quais sejam, História, Matemática e Língua Portuguesa, atividade iniciada no último trimestre letivo de 2014 e que encerrou nos dois primeiros trimestres letivos de 2015.

Este trabalho iniciou-se quando a professora de História, diante de seu conteúdo “Período Medieval: Feudalismo” desafiou-se e questionou-se como poderia preparar tal assunto situando o/a aluno/a à realidade e encaminhando-os a correlacionar o assunto à sua vivência.

Na ansiedade de construir uma ferramenta didática que pudesse auxiliá-la e instigar o educando/a para inscrever-se na condição de um sujeito/participante do processo histórico, exemplificar e instigar a produção escrita, desenvolveu seu texto de caráter dissertativo “O valor da terra, o valor da vida”.

Ao posicionar-se como participante/migrante/escritora estabeleceu uma ponte entre o período histórico- (conteúdo que parecia distante para aquela aula) - e esforçou-se por aproximar o assunto à atual situação do agronegócio e suas implicações para a região mato-grossense - (tema atual e que a educadora acreditou que a partir das apreensões de vida e do conhecimento prévio, o aluno/a seria capaz de fazer inferências).

Na tentativa de encaminhar o aluno a pensar sua realidade social e histórica, levou em consideração o espaço geográfico, a cidade de Sinop, onde, a maioria da população é composta de pessoas de origem do Sul do país.

De posse do texto, convidou outros professores a se reuniram e preparar uma aula interdisciplinar. Depois da conversa, discutiu-se a metodologia e analisou-se de que forma o debate poderia ser provocado, à espera de que despertasse o interesse pela pesquisa, pelo diálogo, sobretudo, dar voz e conhecer o sentido do participante/a sobre o agronegócio.

O empreendimento interdisciplinar propunha alcançar três objetivos: entrelaçar as áreas do conhecimento; aproximar o conteúdo à realidade do aluno; e dar voz ao migrante frente ao assunto estudado.

Reconhecemos que instigar tais práticas não é fácil, mas potencializa os letramentos compatíveis à diversidade social e cultural em sala de aula, afirmado por pesquisadores como Rojo (2013), Roque-Faria (2014), para citar alguns.

De posse do texto, os professores procuraram trabalhar inicialmente com um debate em sala, a seguir convidaram os alunos à pesquisa no Laboratório de Informática, subsidiando o estudo com outras leituras. De posse da pesquisa, os alunos puderam retomar o debate e considerar, com maior respaldo, sobre o assunto. O processo de escrita somente após exaustivo debate. Assim, os recortes selecionados para o exercício de análise são apresentados na perspectiva de (re) vozear o diálogo em contexto de aula.

O exercício analítico

É complexo quando se pensa em que direção caminhar tendo em vista as práticas leitoras e escritoras. Também considerar que este é um processo que se constrói, muitas vezes, no “Chão Formativo” (Roque-Faria, 2014), mediado pela “agência cosmopolita” (Souza-Santos, 2005) e que vivenciamos os multiletramentos, os novos letramentos, “as demandas sociais que devem ser refletidas e refratadas criticamente nos/pelos currículos escolares” segundo Rojo e Barbosa (2015:135).

Assim, esforça-se pelo aprimoramento da visão de mundo do aluno/a e o alargamento da capacidade de repensar, reinventar, a ponto de torná-lo partícipe do processo formativo. Entretanto, adentrar esse lócus é reconhecê-lo como espaço inclusivo e requer cuidado no sentido de promover e valorizar os debates e os conhecimentos que o/a participante traz consigo.

Como a modalidade educativa é organizada por trimestre, o início torna-se peculiar tendo em vista que não se conhece o público, que varia de faixa etária ao nível de Letramento. E, ao agente letrador, cabe a sensibilidade e o cuidado de tornar os conteúdos acessíveis e flexíveis, adequando-os aos diversos públicos. Nos termos de Rojo (2009:102), “problematizando aquilo que conta como letramento em qualquer tempo-espaço e interrogando-se sobre ‘quais letramentos’ são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência” na EJA.

Nesse movimento, nossa inquietação reside em compreender como os alunos lidam com os conteúdos programáticos desenvolvidos em contexto de sala de aula. Concomitantemente, de que forma os discentes estabelecem conexões entre os conteúdos desenvolvidos e as situações reais de história de vida.

Entendemos então que ler o período medieval e relacioná-lo com a realidade brasileira mato-grossense, evocou sentidos que despertaram a consciência social, histórica e ideológica. Largamente debatido, provocou euforia em relação ao que os alunos/as haviam vivenciado ao migrarem para o estado de Mato Grosso. Suas memórias, sonhos, perspectivas e expectativas com a “terra prometida” suscitou reflexões sobre as propostas governamentais, as reais condições de ocupação do espaço e os reflexos dos avanços econômicos/sociais.

Ao serem confrontados e questionados pelos letradores se o desenvolvimento econômico era sinônimo de desenvolvimento social, os participantes mostraram-se críticos e reflexivos ao transitarem entre o local, o global e vice-versa, superando as expectativas iniciais. Os discentes, não só na oralidade como na escrita, fizeram conexões entre o conteúdo e as situações reais que os cercam: a leitura do desencontro entre o proposto pelo governo (terra para o pequeno proprietário) e a realidade da apropriação da terra prometida (a frustração das famílias pela não aquisição da terra e percepção de que o grande proprietário fora o maior beneficiário); a implantação do agronegócio e os reflexos gradativos para a população que persistem na atualidade.

Dourado (2007) e Boni (2011) mostram que a ideia mítica do Eldorado, da Terra Prometida foi responsável por inúmeras movimentações, pois migrar possui um significado maior de que se aventurar: “é a necessidade de sobrevivência aliada à coragem e à luta”.

Os fragmentos apresentados permitem, a priori, compreender o sentido e o valor da terra.

um cartaz na venda do Seu Albino com uma propaganda do Mato Grosso dizendo que o futuro estava aqui e que as terras aqui eram baratas e quem comprava terras na zona rural ganhava um lote na cidade.

(Excerto 01)

Sabemos que o convite e as propostas de um estado promissor trouxeram muitas famílias, especialmente da região Sul do Brasil para o Norte de Mato Grosso. Esse é um acontecimento natural em que, geralmente, os atrativos governamentais nutrem o processo de migração.

O enunciador do excerto número 01 é enfático em mostrar como o “convite” fora feito e o moveu à “terra prometida”: “ **um cartaz na venda do Seu Albino com propaganda do Mato Grosso [...] o futuro estava aqui [...] as terras aqui eram baratas [...]**” .

Joanoni Neto (2007:17) afirma que “O migrante camponês olha para o Norte de Mato Grosso e vê a esperança de conseguir uma terra boa para trabalhar, produzir e sustentar sua família”. Neste sentido, as condições de chegada e a instalação do/ no espaço são marcadas por uma memória que transita entre o medo do novo e a esperança; a expectativa do real à realidade esperada.

Considerando que medo e esperança parecem caminhar juntos, o recorte número 02 demonstra como o pouco significava muito para as famílias e a persistência por dias melhores:

muita poeira. O pouco que a gente tinha em cima do caminhão. Hoje quando penso nisso penso que a carga maior no caminhão velho era a nossa esperança de dias melhores para nossa família.

Chegamos aqui e passamos por todas as dificuldades que todos passaram. Não tinha luz, nem água, nem asfalto, nem medico, nem escola direito. Meu pai não conseguiu comprar a terra tão prometida e fomos nos virando do jeito que dava. Tudo muito difícil mas meu pai num quis voltar porque ele achava que era muita vergonha ter que olhar pra todo mundo e admitir que fracassou.

(Excerto 02)

Pela voz do migrante, entendemos a persistência pela subsistência e busca pela ascensão social. Ao que parece, a projeção de futuro não era somente para si, mas principalmente para as descendências, prospecção para a posteridade. Mato Grosso

constituía, aqui, o local de construção de cultura e identidade como evidenciado em Hall (2009), ponto de encontro, lugar de construção.

nosso estado, mas nem tudo que reluz é ouro como dizia minha avó, porque pelo que entendi, se entra muito dinheiro com a exportação esse dinheiro não é bem distribuído entre todo o povo brasileiro e a comida que vai pra nossa mesa é aquela que é plantada pelo pequeno agricultor ou o refugo que não tem como vender para fora sem contar a quantidade de veneno que é usada para produzir a comida.

Cidades como Sorriso, Lucas do Rio Verde e até mesmo Sinop produzem grãos em grande quantidade e vendem pro mundo todo mas ao mesmo tempo envenenam as pessoas com tanto agrotóxicos. Envenena os rios e causam o açoreamento da terra, não respeita os limite para desmatamento e nem replantam árvores.

(Excerto 03)

O olhar atento de migrante se volta ao desenvolvimento econômico e avalia a importância da produção do pequeno proprietário rural para a qualidade alimentar da população, tendo em vista que a agricultura de subsistência tem como característica a produção diversificada de produtos e é voltada totalmente para o consumo interno.

Neste mesmo sentido, avalia-se que o melhor da produção extensiva é priorizada para exportação, mas cabe à população arcar com todo ônus do processo produtivo, neste caso, os agrotóxicos.

Alerta Souza que

Todo o processo de ocupação do espaço agrário norte mato grossense manifestou-se a partir de um conjunto de atividades como extrativismo florestal, agricultura extensiva e pecuária [...] necessitando de [...] políticas ambientais para a sobrevivência de gerações futuras [...].(Souza,2004:176)

Se o processo de desenvolvimento social implica à população sofrer seus reflexos, os excertos encaminham-nos a pensar que a terra não assume somente a significação de local de sobrevivência, mas principalmente de pertença, de identidade. Para Hall (1997), esses diferentes posicionamentos dos sujeitos demonstram as múltiplas situações, as representações, os posicionamentos, ou seja, “em certo sentido somos posicionados e também posicionamos a nós mesmos” de acordo com as situações nas quais estamos atuando.

Quando eu era criança comecei a observar meus pais, lembro-me bem da vida na roça, eles plantavam colhiam vendiam na cidade criavam galinhas tudo solta no quintal, nessa época não existia o nome "agronegócio". não utilizavam nenhum tipo de agrotóxicos com isso não profetizavam nem

Excerto 04

A voz do migrante **“Lembro-me bem da vida na roça [...] Nessa época não existia o nome agronegócio”** rememora a simplicidade da vida rural, a tranquilidade em prover à família sem a preocupação com o progresso. Em contraponto, fica evidente a reflexão sobre a efemeridade da vida pós-moderna, em que tudo perpassa pela rapidez, pelo imediatismo.

Em um país como o Brasil, que é denominado um país carente de educação e saúde e outros aspectos importantes para o desenvolvimento de qualquer país, achamos algo em que o país se destaca, pedimos até nos orgulhar de tal título se ele não causa-se tanta polêmica e tanto problema e saúde pública.

Excerto 05

No excerto 05 e 06, a crítica aguçada sobre o Brasil manifesta-se nas condições de desenvolvimento econômico. O que deveria ser motivo de orgulho não o é: educação e saúde. Estes requisitos apresentados como sinônimo de desenvolvimento social deveriam atender a toda população, pois constitui elemento imprescindível para a qualidade de vida de uma nação. E embora o país seja destaque no cenário internacional, quanto à sua economia (o agronegócio), a sociedade clama por causa dos efeitos: **“(...) se ele não causasse tanta polêmica e tanto problema de saúde pública”**.

Estamos diante de interlocutores cujo nível de letramento é extremamente considerável, pois avaliam com criticidade o progresso do país e as possíveis

consequências. Também o refinamento e a sensibilidade desses alunos/as para os problemas sociais fazem deles leitores atentos à realidade vigente, conhecimentos prévios e de mundo que transcendem a leitura e a escrita.

Nosso estado de Mato Grosso é conhecido como sendo o estado do agronegócio.

Excerto 06

De igual modo, notamos nos excertos de números 06, 07 e 08, que os interlocutores continuam a dimensionar o acentuado crescimento e desenvolvimento do país e atentam que o mundo globalizado produz consequências para a população, seja global ou local: **“tanta gente passando fome ou morrendo envenenada”. / “ eu ficava pensando se havia necessidade de tudo aquilo para produzir e os riscos que a nossa saúde estaria sofrendo.”**

Atentos ao fato de que a ascensão de Mato Grosso gera/ou lucros e danos, o aluno/a da EJA fala com propriedade de um espaço em que assistiu ao progresso da região e dele participara, esforçando-se por deslocar e entender que esse processo também afeta negativamente a população. O que inicialmente parece maravilhoso resulta em catástrofe: **“[...] é maravilhoso, mas para a nossa população é uma catástrofe [...] ficamos com o resto da produção [...] [...] e pelo ar, pelo alimento, pelo leite e pela água, estamos adoecendo [...].”**

em outros países por prejudicar a saúde são usados livremente aqui, porque um país tão rico como o nosso tem tanta gente passando fome ou morrendo envenenada. O pior de tudo é

Excerto 07

estado foi se desenvolvendo e a empresa crescendo também. Vi a quantidade de veneno que era vendido e isso me deixava um tanto assustado porque era demais e eu ficava pensando se havia necessidade de tudo aquilo para produzir e qual riscos a nossa saúde estaria sofrendo com tudo isso.

Excerto 08

exterior são usados livremente aqui. O Mato Grosso é um dos maiores produtores de grãos do mundo e o que mais usa veneno também.

Para a economia, a quantidade que o Brasil e o Mato Grosso produz e o quanto a gente exporta, é maravilhoso, mas para nossa população é uma catástrofe porque estamos sendo envenenados, ficamos com o resto da produção, aquela que ninguém de fora mais quer e pelo ar, pelo alimento, pelo leite e pela água, estamos adoecendo. As mesmas empresas que vendem o

Excerto 09

Acredito que nosso estado de Mato Grosso ainda é muito jovem na economia do Brasil e como uma pessoa ainda muito jovem tem pressa e quer fazer tudo rápido sem medir consequências. A maioria das pessoas que moram aqui vieram de outros estados e o norte de

Excerto 10

No excerto de número 09 e 10, os participantes fazem analogia à rápida inserção e ao desenvolvimento do estado. Jovem e ávido em atingir seus objetivos, Mato Grosso não dimensionou as consequências futuras de suas ações. Para o leitor, o desenvolvimento acelerado da produção trouxe consigo graves mazelas que atingem a população, como por exemplo, o desmatamento e a degradação dos rios. A preocupação do educando pactua com Joanoni Neto (2007:88) que afirma que essa é “uma mentalidade própria do mundo urbano e capitalista, do apossamento e da acumulação [...] onde “terra boa para o plantio era terra nua [...]. Assim, a responsabilidade social e o compromisso com a preservação ambiental, inquieta os participantes.

Hoje Sinop é o polo de referência e está em segundo lugar a nível Nacional em lavoura e agonegócios. mas concluímos que com tanto desenvolvimento fica vulnerável a Saúde, e com uso de tanto agrotóxico nas plantações, vem contaminando nosso ar, e alimentos que chega até a nossa mesa, causando várias doenças como câncer e outras que pode nos levar a óbito.

Excerto 11

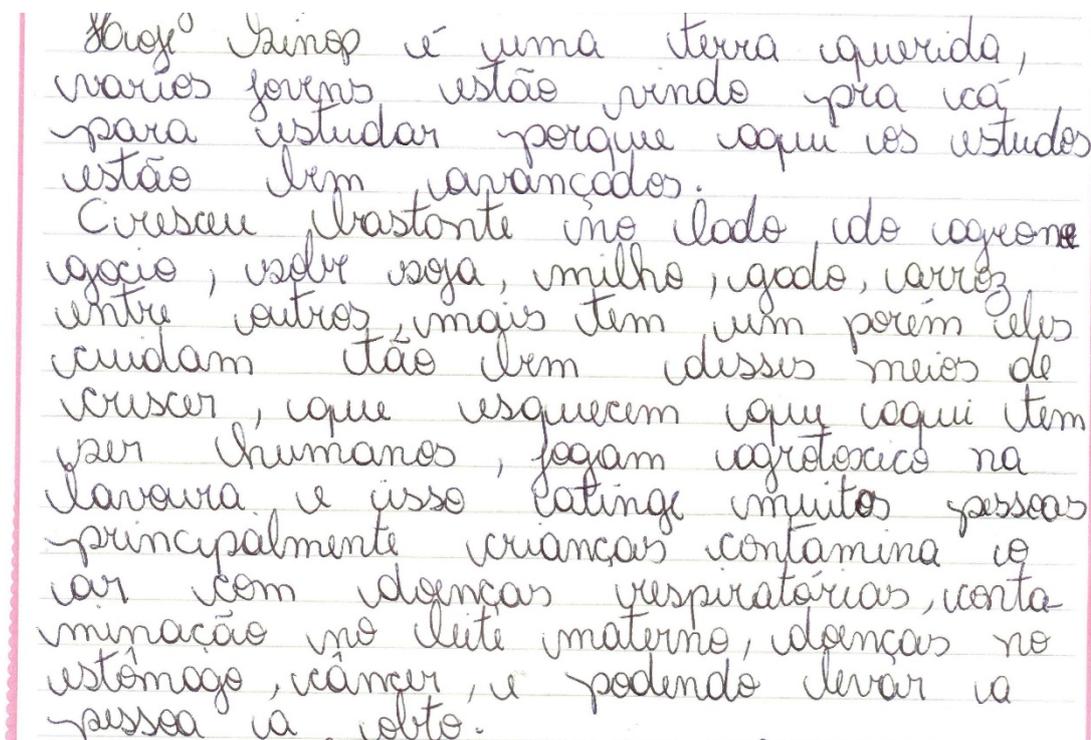
Além disso polêmica o consumo absurdo de (caros) veneno por (produtores) todos (os) esses milhares de hectares (para produção) com crescimento acelerado pois os fertilizantes também são utilizados e tudo de ruim em excesso mais

Excerto 12

Os enunciadores/as dos excertos 10,11 e 12 reconhecem que o estado de Mato Grosso avançou, consideravelmente, em termos econômicos e sociais. De certa forma, ressaltam o orgulho por pertencer à região e da participação no processo de desenvolvimento. Souza (2010:9), ao se referir especificamente ao município do lócus pesquisado, declara que “Além do setor primário, Sinop diversifica sua economia com base no comércio e serviços, destacando-se a educação de nível superior [...]”.

No entanto, o posicionamento de que o preço a ser pago pelo desenvolvimento acelerado e sem o devido cuidado aponta para a saúde do povo mato-grossense, pois o que é preponderantemente nocivo, causa desequilíbrio e até mesmo, a morte. Novamente a voz do sujeito migrante reivindica respeito e o reposicionamento do que é o progresso para a região.

Conferimos, na maioria dos excertos e especialmente no 13 e 14, a posição marcada e mostrada de uma voz de orgulho pela região e, ao mesmo tempo torna visível que o espaço reconhecido internacionalmente como o maior produtor de grãos, requer cuidados no que tange às questões como saúde e educação. A “terra querida”, de promissor desenvolvimento social e econômico, não se preocupa com o humano, não tem consciência dos problemas que o desenvolvimento desenfreado e sem planejamento pode causar, sequer do futuro.



Sinop é uma terra querida, vários jovens estão vindo pra cá para estudar porque aqui os estudos estão bem avançados.
Cresceu bastante no lado do agronegócio, soja, milho, gado, arroz, entre outros, mais tem um porém eles cuidam tão bem desses meios de crescer, que esquecem que aqui tem ser humano, fazem agrotóxicos na lavoura e isso atinge muitas pessoas principalmente crianças contamina a ar com doenças respiratórias, contaminação no leite materno, doenças no estômago, câncer, e podendo levar a pessoa a morte.

Excerto 14

.. Sinto mais a necessidade?
.. É preciso analisar, refletir, quando
.. paramos pra pensar e analisar, e mais
.. quando nós deparmos com um texto
.. como esse, é um momento que a
.. gente avalia se realmente vale a
.. pena tudo isso... e preciso mais 

Excerto 15

Os excertos 14 e 15 denotam o espaço sala de aula como aquele que potencializa diálogos e desperta a capacidade de formação crítica.

Conclusão

A propósito, é comum a ideia de que o aluno da EJA é passivo aos conteúdos e não alcança os objetivos traçados pela escola/área de conhecimento/disciplina. Mas o que se viu, com o exercício interdisciplinar proposto, é que, pela oralidade o leitor-adulto, constrói melhor o significado, partilha seu conhecimento prévio e amplia seu conhecimento e mundo, se houver por parte do educador uma proposta que o aproxime de sua realidade.

Pareceu-nos mais significativo despertar no aluno/a, pelo conteúdo proposto, a percepção de sua realidade social, chamando-o à reflexão sobre as maneiras/modos que o constitui e é constituído no mundo globalizado em suas práticas sociais de linguagem.

Fizemos referência anteriormente que despertar as práticas escritoras humanas é realmente fundamental no processo formativo da EJA, e só poderá ser eficaz quando a compreensão de leitura transcender os modelos dominantes e vigentes na atualidade, e o ensino, de fato, respaldar-se no processo interdisciplinar.

Acreditamos ser o primeiro passo, o deslocamento do “confortável” espaço individualizado de ensino e o atravessamento das fronteiras que impedem o trabalho coletivo, tanto ensejado nos documentos que regem a Educação (LDB/96, OCs/MT,2012), sem desconsiderar a complexidade que é o interdisciplinar.

Perseguimos até aqui, os caminhos de Molica e Leal (2009:13) para quem a EJA

é um *continuum* de letramentos. E ressaltamos que analisar o espaço implica considerar as situações de maior intimidade dos indivíduos, cuja sobrevivência é imperiosa e nas quais é importante o letramento social; por outro lado, os contextos de menor intimidade, em que a exigência do letramento escolar se faz necessário.

Certamente os diversos níveis de letramentos socialmente existentes desafiam o educador a adequar e estabelecer novos rumos para sua prática e considerar o sujeito de interlocução capaz de atuar no/para o mundo. Assim, é possível a educação de qualidade, aquela que atenda às demandas sociais de maneira crítica, ética e humanizadora.

REFERÊNCIAS: BIBLIOGRÁFICAS

Bauer, Martin W.; Gaskell, George.2002. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes.

Boni, Márcia Regina. 2011. Aventuras e sacrifícios pela educação: Histórias das professoras migrantes de Sorriso (MT). Cuiabá: EdUFMT.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris; Machado, Veruska Ribeiro. 2010. Formação do professor como agente letrador. São Paulo: Contexto.

Brasil. 1998. Constituição Federal do Brasil. Brasília: Senado Federal.

_____. 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394/96. Brasília: Ministério da Educação e Cultura.

Ceratti, Márcia Rodrigues Neves.2007. Políticas públicas para a educação de jovens e adultos. Programa de desenvolvimento educacional (PDE) SEED/PR. Disponível em:http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_marcia_rodrigues_neves_ceratti.pdf. Acesso em 19 abr. 2015.

Carvalho, Rafael Dantas de. 2008. A leitualização como prática de letramento na Educação de Jovens e Adultos. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras. Universidade de Brasília – UnB.

Costa, Antônio Cláudio Moreira. Educação de jovens e adultos no Brasil: novos programas, velhos problemas. Disponível em: <http://revista.uft.edu.br/index.php/interface/article/viewFile/350/246>. Acesso em 20 abr. 2015.

Dourado, Nileide Souza. 2007. Entre caminhos e memórias: narrativas e cotidiano de itinerantes rumo a Poxoréu-MT: primeira metade do século XX. Cuiabá: Entrelinhas.

Freire, P. Educação e Mudança. 1997. 21ª edição, São Paulo: Ed. Paz e Terra.

Hall, Stuart. 2005. A identidade cultural da pós modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lpoes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A. Kat

JOANONI NETO, Vitale. 2007. Fronteiras da Crença: Ocupação do Norte de Mato Grosso após 1.970. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial; EdUFMT-Editora da Universidade Federal de Mato Grosso.

Kato. M. 1986. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática.

Kleiman, A.B. 1995. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A.B. (Org). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras.

Konder, L. A. 2015. Dialética e o marxismo. Disponível em <http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/0-09-2003/27936-dialecticamarx-0>. Acesso em 20 de julho de 2015.

Mato Grosso. 2012. Secretaria de Estado de Educação. Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais. Secretaria de Estado de Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica Print.

Mollica e Leal. Maria Cecília Mollica e Marisa Leal. 2009. Letramento em EJA. São Paulo: Parábola Editorial.

Oliveira, Inês Barbosa. 2009. Organização Curricular e práticas pedagógicas na EJA: algumas reflexões. In: Educação de Jovens e Adultos. J. Paiva, I.B. Oliveira (orgs). Petrópolis, RJ: DP et Alii.

Rojo e Barbosa. Roxane Helena Rojo. Jacqueline Barbosa. 2015. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial.

Rojo, Roxane Helena R.. 2012. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial

_____. 2009. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial.

Rojo, Roxane (Org.). Tanzi Neto, Adolfo...[et.al]. 2013. Escol@ conectada: Os multiletramentos e as TICs. 1. Ed. – São Paulo: Parábola.

Roque-Faria, Helenice Joviano. 2014. (Des) encontros na formação docente na/para a EJA: reflexões sobre o curso de Letras, o PIBID e o Projeto Sala de Educador. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Cáceres/MT: UNEMAT.

Soares, Magda B. 2010. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, CEALE/Autêntica.

Souza, Edison Antônio (Org.). 2010. Desenvolvimento Regional: história, economia e meio ambiente. Cuiabá: EdUFMT.

_____. 2004. Sinop: História, Imagens e Relatos. Um estudo sobre sua colonização. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

Souza-Santos, B. de. Os processos de globalização, In – (org). A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez.

Tfouni, Leda Verdiani.1998.Letramento e Alfabetização. São Paulo:Cortez.

